

DOMINGOS AMARAL

ASSIM NASCEU  
PORTUGAL

LIVRO I  
POR AMOR A UMA MULHER

  
casadasletras



*À minha irmã Joana e ao meu cunhado Gonçalo*



## NOTA DO AUTOR

Os acontecimentos descritos neste livro decorrem entre os anos de 1112 e 1130. A primeira data é a da morte do conde Henrique, pai de Afonso Henriques, quando este tem apenas três anos. A segunda é a do falecimento de Dona Teresa de Portugal, mãe do jovem príncipe, nessa altura já com vinte e um anos.

Esta é, portanto, uma história que apenas percorre a infância, a adolescência e o início da idade adulta daquele que virá a ser mais tarde o primeiro rei de Portugal.

O narrador é Lourenço Viegas, filho de Egas Moniz e grande amigo de Afonso Henriques, e que o acompanha desde muito cedo, pois foi na família dos nobres de Ribadouro que o príncipe de Portugal foi educado.

A ação desenrola-se durante uma época politicamente confusa da Península Ibérica, que se segue ao falecimento, em 1109, do imperador das Hispânicas, Afonso VI, pai de Dona Teresa e, portanto, avô materno de Afonso Henriques. A guerra civil entre os cristãos que ocorre depois dessa morte é aproveitada pelos muçulmanos para lançarem constantes ataques, entre os quais dois cercos à cidade de Coimbra, em 1116 e 1117, liderados pelo califa de Marraquexe, o almorávida Ali Yusuf.

É neste ambiente de luta e incerteza que Afonso Henriques vai crescer e é essa convulsão que irá possibilitar a independência do Condado Portucalense e o nascimento de um novo reino.

Como é evidente, muitos dos factos aqui descritos são verdadeiros e reais, mas outros são ficção. Para facilitar a leitura, apresento no início um mapa da Península Ibérica do século XII e no final uma lista de personagens, onde se distinguem os reais dos ficcionados.

*Domingos Amaral*





Navarra

stela

Aragão

Condado  
de Barcelona

Saragoça

RÁVIDA

Mar Mediterrâneo

0 200 km



*1112*



## *Astorga, maio de 1112*

Numa noite de chuva e trovoada, um solitário cavaleiro chegou à povoação de Astorga encharcado e angustiado, temendo ter-se atrasado. Paio Soares, alferes do conde Henrique, viera a galope da Maia, sua terra natal, só parando para trocar de cavalos nos apeadeiros do caminho. Um mensageiro dissera-lhe que corresse a Astorga, para onde já partira o príncipe Afonso Henriques, e ele assim fizera, transportando o terrível receio de não chegar a horas.

O conde Henrique e ele tinham passado quase um ano juntos, em combates contra os sarracenos perto de Sintra, ou a amainar uma rebelião local, em Coimbra, e quando o deixara semanas antes, em Guimarães, o conde estava de excelente saúde. Embora a sua disposição não fosse a melhor, pois nunca estabilizara após as quezílias com o sogro Afonso VI, o conde nem estava doente nem fraco e combatera como sempre, com determinação e valentia.

Paio Soares, que o conhecia bem, sabia que as feridas nascidas em Toledo ainda não tinham sarado, mas o conde parecia no bom caminho. Três anos antes, revoltara-se contra o imperador, por discordar das suas decisões sucessórias. Afonso VI, pai de Dona Teresa e de Dona Urraca, por não ter varão a quem deixar os reinos cristãos de Leão, Castela e Galiza, um pouco antes de morrer decidira arriscar uma união improvável, obrigando a sua filha mais velha, Urraca, a casar com um primo distante, Afonso I de Aragão.

Só o conde Henrique se revoltara contra esta escolha, e por isso fora banido de Toledo e sujeito à «ira» do imperador. Cabisbaixo, deixara a capital e viajara até à Terra Santa em peregrinação.

No regresso, vinha diferente, fechado e sempre a cismar, e as suas lealdades pareciam pouco firmes. Embora se tivesse submetido a Dona Urraca, não nutria respeito à rainha regente, nem por ela tinha qualquer admiração. A tensão entre os dois era evidente, mas não se imaginava um resultado tão terrível como a inesperada morte do conde.

Depois de passar pelas tropas leonesas de Dona Urraca, acampadas em redor do castelo, o alferes entrou pela porta da muralha, desmontou, despiu o manto molhado e, sem sequer alinhar os seus caracóis negros e revoltos, dirigiu-se à torre de menagem de Astorga e subiu as escadas interiores em passadas largas.

Quando abriu a porta do quarto do conde, viu do seu lado direito um pequeno colchão, onde uma criança de três anos estava sentada, de olhos muito abertos e assustada, enquanto à sua frente um nobre portugalense se debruçava sobre uma enorme cama.

O conde Henrique estava deitado nela e a sua cara pálida e seca, envolta numas longas barbas cinzentas, demonstrava já a rigidez dos defuntos. Alguém, talvez a criada, colocara-lhe as mãos em cima da barriga, uma sobre a outra. Paio Soares entristeceu-se: o homem que mais admirava entregara a sua alma à Providência, ele não chegara a tempo! Mas, para além da amargura, um fio de nervosismo percorria-lhe a espinha: teria o conde revelado algum segredo a Egas Moniz, ou ao prior que o confessara e lhe dera a extrema-unção?

– Paio... – murmurou Egas Moniz, ao vê-lo.

O alferes avançou uns passos, aproximando-se do senhor de Ribadouro, que levou um dedo à boca e lhe pediu silêncio. Ficaram a observar a criada compor o morto e o prior terminar as orações. Só quando estes saíram do quarto é que Egas voltou a falar.

– Aproximai-vos.

Junto ao falecido conde, Egas Moniz olhou para trás. Ao ver que o pequeno Afonso Henriques os observava, tapou-lhe a visão, colocando-se à sua frente. Então, debruçando-se, abriu a boca do conde e apontou para a sua língua hirta e escurecida.

– Peçonha – murmurou.

Paio Soares explodiu de fúria e perguntou num grito quem poderia ter cometido tal enormidade, mas Egas olhou para o príncipe, pedindo-lhe que baixasse o tom de voz.

– Foi a rainha Dona Urraca – murmurou.

O alferes espantou-se: porque mandaria a rainha matar o cunhado, marido de sua irmã, Dona Teresa? O conde Henrique era aliado dela!

O percetor de Afonso Henriques suspirou:

– Discutiram. O conde exigiu que a rainha cedesse a Galiza a Dona Teresa, ameaçou lutar contra ela... Além disso, falou numa relíquia, trazida da Terra Santa, que iria iluminar a luta contra os sarracenos, e que só entregaria a um novo rei.

Nesse momento, olhou de novo para Afonso Henriques:

– O seu filho.

O desvario apoderara-se da rainha Urraca, que ameaçara matar o conde. Dias depois, tendo este recusado uma proposta de paz ou revelar onde escondera o artefacto sagrado, os efeitos da peçonha haviam-se começado a notar. A morte por envenenamento fora lenta, dando tempo a Dona Teresa para mandar chamar Egas Moniz e o príncipe Afonso Henriques, e também Paio Soares, cumprindo os pedidos do moribundo conde.

O alferes agitou-se, engolindo em seco:

– Ele falou convosco? – perguntou.

Depois de pedir a Egas que lhe guardasse a sua grande espada, que um dia teria de entregar ao filho, o conde Henrique apenas dirigira algumas palavras a este último, em francês, pois era nascido na Borgonha e nunca aprendera bem a língua do Condado Portucalense.

– Pediu ao menino que lutasse contra os mouros, defendesse as suas terras. No fim, falou em Jerusalém, no túmulo de Cristo... Não o compreendi, já estava a finar-se – contou Egas Moniz.

Observou Afonso Henriques, que permanecia sentado no colchão e de olhos muito abertos, mirando o corpo inerte do pai.

– Pobre criança – murmurou.

A meio da tarde, perto de soçobrar, o conde perguntara pelo alferes.

– O que vos queria ele? – questionou Egas.

Paio Soares ia responder, mas nesse momento a porta abriu-se e por ela entraram a rainha Dona Urraca e sua irmã, a condessa Dona Teresa. Com os olhos brilhando de uma curiosidade assaz suspeita,

a primeira aproximou-se, e Egas Moniz vislumbrou um sorriso instantâneo de contentamento, que logo desapareceu, coberto por uma cara compungida, falsa mas solene.

– Que alma sofredora. Desde que meu pai o banuiu de Toledo, nunca mais sossegou – sentenciou Dona Urraca.

Atrás dela, Dona Teresa declarou:

– Tenho de o levar, será enterrado em Braga, era o seu desejo.

A rainha suspirou e depois perguntou a Paio Soares:

– Haveis acompanhado o conde desde que voltou da Terra Santa?

Nervoso, o alferes bateu as pestanas e declarou que assim era. A rainha quis saber se ele ouvira falar de uma relíquia trazida de Jerusalém, que o conde teria escondido. Paio Soares, cada vez mais aflito, voltou a negar, e então Dona Urraca avisou-o:

– Cuidado, alferes, a mentira tem a perna curta. Tal como a afronta.

Olhou de soslaio para o morto e depois deu meia-volta, seguida de Dona Teresa. Ao ver o pequeno príncipe, perguntou à irmã:

– É o vosso aleijadinho?

Dona Teresa atrapalhou-se: a deficiência física de Afonso Henriques, que viera ao mundo com as pernas tortas e definhadas, embaraçava-a. Junto à cama, um incomodado Egas Moniz exclamou:

– Está muito melhor, até já corre!

Dona Urraca limitou-se a murmurar, como se dele tivesse imensa pena:

– Coitadito.

Depois, saiu do quarto, enquanto Dona Teresa mirava o filho com um ar ressentido, nem lhe retribuindo o sorriso que o menino lhe abriu, antes de a ver partir também.

Egas Moniz, em voz baixa, comentou, desolado:

– Pobre príncipe. Nem pai, nem mãe...

Paio Soares, com os caracóis morenos despenteados e ainda molhados da chuva, abanou a cabeça, pesaroso, como se carregasse na alma todas as desilusões do mundo. Desde esse dia, dizia-se, passou a ter pesadelos, temendo que Dona Urraca o mandasse prender e torturar.

Vinte anos mais tarde, meu pai, Egas Moniz, que Deus o guarde, sempre que me via desgrenhado, exclamava:

– Lourenço Viegas, meu filho, pareces o Paio Soares quando chegou a Astorga, no dia da morte do conde!

Por vezes, são estes detalhes que as pessoas melhor recordam, e assim era com meu pai, embora naquela noite em Astorga ele soubesse perfeitamente que o grotesco desalinho dos caracóis morenos de Paio Soares não se devia a desleixo, pois até era um homem vaidoso, mas sim à chuva e, sobretudo, à turbulência das suas emoções. O alferes, leal comandante das tropas do conde, era incapaz de aceitar que aquele homem de quarenta e seis anos, e ainda na força da vida, fosse abatido de uma forma tão impiedosa.

Mas, desde a morte do imperador Afonso VI, as lutas na Hispânia eram permanentes, instáveis e confusas. O conde Henrique, mesmo sem ter o apoio de sua esposa, Dona Teresa, alimentava desejos de grandeza que chocavam frontalmente com os da cunhada. Teria sido eliminado por causa disso? Nada era impossível naquela barafunda trágica que atingia a Península. Dona Urraca era má e traiçoeira, imprevisível e covarde, uma mulher que só servia para baralhar os adultos e meter medo às crianças. Mandar envenenar o conde não surpreenderia ninguém, já tentara o mesmo com o próprio marido, Afonso I de Aragão.

Sempre que me mandava pentear, meu pai lembrava também que fora ali, naquele quarto escuro e triste de Astorga, que o reino de Portugal começara a nascer.

– Lourenço Viegas, meu filho, a morte do conde Henrique foi o princípio de tudo! Com ele vivo, o príncipe Afonso Henriques não teria ficado órfão de pai; Paio Soares não se teria afastado para a Maia; os Trava não teriam dominado Dona Teresa; Chamoia não casaria com quem casou e a relíquia seria encontrada!

Curiosamente é também essa a conclusão da minha investigação sobre o desaparecimento da famosa relíquia, que fiz a pedido do meu melhor amigo, Afonso Henriques. Esta longa história começou

ali, naquele quarto, com a morte prematura e criminosa de seu pai. Se ele fosse vivo, Portugal não teria nascido assim. Quem tem razão é Zaida, a princesa moura de Córdova, que me disse um dia:

– Os órfãos de pai ou são brutos ou génios. Ou as duas coisas.

***1116***



Coimbra, julho de 1116

A súbita retirada das tropas do califa Ali Yusuf estava a gerar uma desordem inesperada no acampamento muçulmano. Zulmira, à porta da sua tenda, de mão dada com as filhas Fátima e Zaida, parecia atarantada com o que via. Mantas e esteiras sacudidas à pressa, panelas de sopa a serem despejadas na lama, cavalos a trote cruzando-se com criadas de sacas à cabeça, dançarinas do harém de Yusuf, seminuas e aos gritinhos, à procura dos alifafes e dos colares no meio do pó, estandartes antes orgulhosos que eram atirados para o chão com desleixo.

Um caos patético e perigoso envolvia-as. A notícia de que o califa de Marraquexe estava febril e indisposto, talvez doente, propagara-se como fogo na erva, e um receio geral contaminava os espíritos daquela multidão acéfala e desnordeada.

– Mãe, de quem fogem? – perguntou Fátima.

Zulmira suspirou: a desorganização era um hábito do califa almorávida. Ali Yusuf devia a força mais ao número dos seus homens do que ao engenho das suas estratégias. Aquele imenso exército de milhares de almas movera-se pelas estradas das taifas de Córdova, Sevilha e Badajoz de forma lenta e custosa. Faltavam alimentos, água, ordem e moral aos berberes arrogantes que tinham vindo de África e que só a brutalidade qualificava.

Taxfin, marido de Zulmira e governador de Córdova, queixara-se permanentemente durante a viagem.

– Estúpido berbere!

Ditos daqueles, só os libertava quando estavam na tenda da família, tendo apenas o fiel Abu Zhakaria como testemunha. Fátima

e Zaida espantavam-se a olhar para Taxfin, enquanto ele apoucava o califa e lhes sorria, colocando um dedo na boca e soltando um aviso:

– Não repitam o que eu disse.

A hostilidade entre os dois grupos de muçulmanos era evidente. Taxfin, tal como Zulmira e Abu Zhakaria, era um cordovês, um árabe da Andaluzia, enquanto Ali Yusuf e os seus berberes eram uns brutamontes dos desertos africanos, sanguinários e primitivos. Aquela era uma aliança forçada e desagradável, embora necessária. Para vencer os cristãos, os andaluzes precisavam dos berberes e da sua energia bélica. Os governadores das taifas, os *walis* de Córdova, Sevilha ou Badajoz, apesar de contrariados, aceitavam o jugo de Ali Yusuf, o califa de Marraquexe, mesmo que fosse apenas temporariamente.

Por essa razão, Taxfin tinha decidido vir em conjunto até Coimbra tomar a cidade cristã que resistia há tantos anos, e tentar matar os descendentes do imperador Afonso VI, Dona Teresa e seu filho Afonso Henriques. Ali Yusuf, que antes já matara o único varão do monarca cristão, queria aniquilar o resto da família.

Taxfin era apenas um *wali*, e precisava ainda do califa, pois não tinha assim tantos homens, só em Córdova a sua palavra e as suas ordens eram aceites. Talvez por isso, o azedume dos andaluzes contra os berberes transformara a empresa numa tormenta. Havia quezílias permanentes e as escaramuças só se suspenderam quando chegaram aos arrabaldes de Coimbra e atacaram os cristãos das redondezas.

O intervalo pacífico durou pouco tempo: o califa tinha dúvidas sobre o ataque à cidade, e mais nervoso ficou quando Taxfin voltou triunfante de Soure, dizendo que a povoação fora arrasada.

– Cuidado, meu marido, Ali Yusuf é ciumento – murmurara Zulmira.

Tinha razão: vinte e cinco dias depois de cercarem Coimbra, Ali Yusuf começou a dar sinais contraditórios. Falava em combates em Saragoça, em Valência, em Toledo, e Taxfin regressara à tenda da família, sempre acompanhado de Abu Zhakaria, a vociferar que o califa era um cobarde e um tolo!

– Devíamos matá-lo aqui, às portas de Coimbra! Pendurar a cabeça do estúpido berbere nas muralhas cristãs, antes de tomar a cidade!

Zaida, de cinco anos apenas, olhou-o, pálida, enquanto Zulmira o repreendia levemente:

– Esposo, não faleis assim, assustais as minhas filhas.

Taxfin sorriu às meninas, colocou mais uma vez o dedo em frente à boca, e nessa noite adormeceu-as a contar histórias da serra Morena, do castelo de Hisn Abi Cherif para onde a família se retirava no verão, e onde duas criadas os brindavam com os seus suculentos escabeches e os seus saborosos ensopados.

Contudo, pouco antes de cair no sono, na cama e de mão dada com a sua amada esposa, reconhecera-lhe em surdina que desejava matar o califa, pois estava farto daquele aberrante ser.

– É cedo, Taxfin – contrapusera Zulmira.

No seu coração, ela também ambicionava o fim de Ali Yusuf, ainda mais do que Taxfin. Considerava-o um usurpador, e não aceitava as leituras literais e abusivas do Corão feitas pelos almorávidas, que classificava de odiosos e sanguinários! Ela e as filhas, tal como Taxfin e Abu Zhakaria, pertenciam a uma civilização diferente, eram os herdeiros da esplendorosa Córdova do passado.

Incapaz de adormecer, Zulmira deixara o seu espírito divagar. Taxfin era o seu segundo marido, e o casamento deles, quatro anos antes, fora o início de uma longa caminhada, onde se aliavam o sangue real dela e das filhas, e a habilidade militar e política dele. No presente, já governavam Córdova, e sem pressas, mas também sem pausas, estavam a construir uma rede de alianças e cumplicidades para no futuro se rebelarem contra Ali Yusuf.

Um dia, agregariam à sua volta as taifas de Sevilha, Badajoz, Mérida, Valência, Saragoça, Silves, e fariam renascer o magnífico califado andaluz. Zulmira sorrira no escuro, agradada. Agora, em Córdova já ninguém lhe virava a cara, como quando decidira casar-se pela segunda vez. Os influentes locais não haviam gostado, as principais famílias estavam satisfeitas com as benesses que recebiam do califa almorávida de Marraquexe e não desejavam perturbações.

Hixam de Hisn Abi Cherif, o primeiro marido de Zulmira, só fora tolerado pelos berberes almorávidas devido ao seu bom senso e à sua ausência de ambições, mas verem a viúva dele, e mãe das suas filhas, regressar à política de Córdova era uma intensa preocupação.

A família de Hixam devia manter-se afastada do poder e da glória, pois o seu nome e as memórias que despertava eram uma trepidação desnecessária.

O califado de Córdoba desmoronara-se oitenta anos antes numa guerra civil sangrenta, a *fitna*, estilhaçando-se em pequenos reinos muçulmanos, que só os almorávidas, vindos de Marraquexe, haviam colado outra vez. Ressuscitar o velho califado era uma quimera louca e perigosa, resmungavam muitos cordoveses. Porém, Zulmira não pensava assim. As suas filhas Fátima e Zaida tinham origens reais. Do seu lado, eram bisnetas de Al-Mutamid, o rei-poeta de Sevilha; e do lado de Hixam eram ainda mais importantes. Embora o marido tivesse morrido, as filhas mereciam aspirar ao esplendor.

Por isso, quando Taxfin, atual governador de Córdoba, lhe começara a fazer a corte, Zulmira aceitara casar com ele. Com o seu segundo matrimónio, a família de Hixam reentrava no palco principal da antiga capital do califado. O Azzahrat abriu-se para ela de novo, como no passado longínquo, quando o seu pai governara a cidade. Zulmira ainda se recordava do harém de Ismail; dos núbios que esfregavam as costas de sua mãe, Zaida, em honra de quem dera o nome à sua segunda filha; dos mil criados que as cercavam; do brilho daquela vida faustosa. Depois da felicidade curta e pacífica que vivera ao lado de Hixam, na serra Morena, regressar ao Azzahrat como mulher do *wali* Taxfin era a prova irrefutável de que o destino podia ser imprevisível e duro, mas um dia erguia-a de novo ao lugar a que tinha direito.

Que se calassem os invejosos! Ela era neta de Al-Mutamid! Ela era filha de Ismail, antigo *wali* de Córdoba! Ela era a mulher do atual governador, o *wali* Taxfin! Ainda mais importante do que tudo isso, no passado ela casara com Hixam de Hisn Abi Cherif, de quem tivera duas filhas! Fátima e Zaida eram as herdeiras dos árabes da Andaluzia, provenientes do Iémen e da Síria, que tinham erguido a mais fabulosa civilização que o mundo vira!

Os seus antepassados haviam construído setecentas mesquitas em Córdoba, entre as quais a maior do mundo árabe, e tinham sido os arquitetos do Azzahrat, que a todos fascinava! Havia fundado bibliotecas com mais de cem mil livros e trazido a prosperidade às

idades da Hispânia, criando uma cultura rica e aberta, onde até os judeus podiam viver livremente junto de árabes e cristãos! Cem anos antes, Córdova fora o coração de uma maravilhosa época e Zulmira e as filhas eram as representantes dessa glória perdida!

Sim, um dia reinariam em Córdova, mas Zulmira sabia que esse dia ainda não chegara. Às portas de Coimbra, ainda não tinham poder político e força militar para se revoltarem contra o califa Ali Yusuf, ou para o matar. Era cedo.

Contudo, era preciso saber ler as estrelas: esta súbita decisão de levantar o cerco e partir de Coimbra seria excelente para as suas ambições e de seu marido, Taxfin. O almorávida Ali Yusuf abandonava a cidade cristã sem a tomar e perdia prestígio e apoiantes. Fora esse o pensamento que tivera logo pela manhã, quando começaram os preparativos para a partida, e agora que via aquela tremenda confusão a tomar conta do acampamento, Zulmira sentia um secreto contentamento dentro do seu coração. Quanto mais balbúrdia, mais o califa Ali Yusuf se perdia. Um dia, contar-se-iam histórias sobre o fiasco que fora a expedição almorávida a Coimbra!

De súbito, no meio da azáfama geral, Taxfin e Abu Zhakaria chegaram junto dela. O governador de Córdova estava furioso e, por entre os impropérios ao califa, explicou que Zulmira, Fátima e Zaida iriam partir já, junto com as muitas mulheres que estavam no acampamento. Era o contrário do costume: a *gaziva* ia sempre atrás dos exércitos!

– O estúpido africano vai mandar o harém à frente! – declarou Taxfin.

Avançaram umas centenas de metros por entre o pó e as tropas, até que chegaram perto de três carroças, onde já estavam algumas mulheres. Abu Zhakaria chamou os condutores e, antes de elas subirem, Taxfin beijou as meninas e abraçou Zulmira.

– Vemo-nos à noite, nós iremos a seguir – disse.

Zulmira deu-lhe um beijo e sorriu-lhe.

– Não tenhais receio, tudo vai correr bem. Temos de saber esperar! Um dia, acabaremos com o berbere.

A carroça começou a deslocar-se quando Fátima deu um grito:

– Abu, tem cuidado!

Zulmira sorriu, a filha adorava o cordovês bonito e bom guerreiro que andava sempre ao lado de Taxfin, e pelo embaraço visível na cara dele aquele forte sentimento era correspondido. Abraçou as filhas e as três sopraram beijos com as mãos aos dois homens. Depois, foram atravessando o acampamento a custo, até que os condutores descobriram finalmente uma estrada e avançaram por ela. Zulmira suspirou à medida que via o bulício ficar para trás. Encostou-se a uma saca e tentou sentar-se com conforto junto das meninas.

Umás léguas depois, viu à beira do caminho uma mulher de negro, com um capuz a tapar-lhe o rosto, e teve um mau pressentimento. Quando a carroça passou perto da desconhecida, ouviu-a gritar: – Voltem para trás!

Os ineptos condutores riram-se, mas Zulmira franziu a testa, e ainda estava com a mesma expressão de preocupação quando, depois de uma curva na estrada, deram de caras com um grupo de trinta cavaleiros cristãos, que cercaram as carroças e as obrigaram a parar. O seu comandante era um jovem bem-parecido, um nobre galego que nessa tarde Zulmira veio a saber chamar-se Fernão Peres de Trava.

As três carroças, em vez de rumarem para leste, tinham-se desviado para norte e foram apanhadas pelas tropas portugalenses de Dona Teresa, que as levaram para Coimbra. Só no final do dia, já longe dali, Taxfin se deu conta dessa desgraça. Perdera Zulmira, Fátima e Zaida.

Foi assim, contou-me Zaida, que elas ficaram prisioneiras em Coimbra, onde as viríamos a conhecer. Porém, durante muitos anos nenhum de nós soube das secretas quimeras de Zulmira e de seu marido Taxfin, que eram do tamanho do céu estrelado que à noite cobria a sua muito amada Córdova.

Eu e o meu melhor amigo, Afonso Henriques, que convivemos com as três mouras, só demos conta das tremendas ambições de Zulmira quando já era tarde de mais para ela. Certas mulheres, apesar de ambiciosas, preferem ser prudentes e o seu coração é um poço profundo, onde se escondem tanto os sinais do passado como os desejos do futuro.

*1117*



## *Coimbra, julho de 1117*

No alto da torre do castelo de Coimbra, com a mão direita pousada numa ameia de granito, um menino de oito anos, vestido com uma bonita dalmática vermelha, observa o vasto horizonte, repleto de exércitos muçulmanos, e tem pena de não ter conhecido bem o seu pai.

O dia nasceu há pouco, uma neblina espessa cobre ainda os campos e o menino examina, com atenção, a linha de inimigos que rodeia, lá em baixo, as muralhas da cidade. Vê estandartes de múltiplas cores, centenas de cavalos fechados entre cercas, cavaleiros já equipados e em formatura, envoltos nos seus mantos azul-escuros, e uma grande e majestosa tenda colocada no centro do acampamento, e onde provavelmente se encontra o califa almorávida, Ali Yusuf.

O menino pensa no seu pai. Tem a certeza de que ele venceria qualquer batalha, mas não se lembra bem dele. Aquilo de que se recorda é tão vago que não sabe se tudo não passou de um sonho fantástico, construído a partir das mil histórias que escutou.

Só viu o conde Henrique uma vez. Tinha três anos, levaram-no pela mão e na sua memória existe apenas um quarto escuro e uma cama enorme, onde umas barbas falantes e acinzentadas escondem um homem velho e deitado, magro e rouco. Lembra-se de uma mão fria e ossuda, de uma pele descolorida, de um enjoativo cheiro a incenso e de uma sensação de dor no seu progenitor, que soltava queixumes intermitentes. E lembra-se do sinistro rumor que ouviu:

– Foi envenenado...

Depois, havia o eco das palavras, muitas, que foram proferidas em francês, a língua do pai. Apesar de frágil, ainda falou, dirigiu-se a ele.

– Meu filho, tendes de tomar conta das minhas terras, tendes de as defender dos infiéis, como eu defendi sempre.

Ao longo da sua vida, o meu melhor amigo recordou ditos assim, que seu pai, o conde Henrique, lhe lançou quando ele tinha três anos. Ditos sobre justiça, o futuro e a guerra, e umas palavras finais incompreensíveis, balbuciadas aos soluços, sobre Jerusalém, Cristo, três homens. Ditos que de pouco lhe valiam naquele dia em Coimbra, em frente daqueles milhares de inimigos. Ali, tudo o que ele desejava era convocar a fama de guerreiro do pai, para com ela aterrorizar os homens do califa.

– Estará na tenda grande, ainda a dormir? – perguntara-me ele, na manhã anterior.

Afonso Henriques acreditava que Ali Yusuf, o almorávida de Marraquexe, regressara pela segunda vez a Coimbra porque queria dizimar, uma vez mais, a família do rei de Leão. Queria matar o neto de Afonso VI, a quem já matara o filho Sancho.

Ainda me lembro dessa manhã em Coimbra, tinha eu nove anos. O príncipe, um ano mais novo do que eu, perguntou-me:

– Lourenço, se o meu pai fosse vivo, o que faria? Atacaria as tropas infiéis, fazendo uma surtida? Ou aguentaria o cerco?

Enquanto um solitário arqueiro ciranda no alto do castelo, para cá e para lá, o menino perscruta melhor o Mondego, que parece escondido no nevoeiro, como se as suas águas estivessem envergonhadas e pedissem desculpa por ajudar os mouros. Nas margens, a duzentos passos do acampamento, há quem nade, vê cabecinhas à superfície e corpos inteiros seminus, a caminharem para o rio. Devem ir lavar-se logo pela manhã.

Os árabes lavam-se muito, foi o que lhe explicou a menina moura, a mais nova, Zaida, que é muito mais simpática do que a irmã mais velha, Fátima, que gosta de andar à bulha; isso já deu para perceber nestes vinte e poucos dias que conviveu com elas em Coimbra. Elas estão na cidade desde o ano anterior, quando ficaram prisioneiras dos cristãos, depois do primeiro cerco de Ali Yusuf.

Diz-se que foi Taxfin, marido da mãe delas, Zulmira, e governador de Córdoba, quem convenceu o califa a regressar a Coimbra para as resgatar.

Ontem à tarde, Fátima ameaçou-o, enquanto brincavam no pátio da alcáçova. Ele jurou que os cristãos iam matar os infiéis todos e ela cresceu para ele, enfurecida, berrando:

– Se não vos calais, levais um murro!

Ele desatou a correr, fugindo dela e repetindo bem alto o que dissera. Mas até ele, com oito anos, sabe que Coimbra está em perigo. Espanta-o que os infiéis não ataquem a cidade com mais violência.

Se avançassem ganhavam, foi o que ouviu dizer.

Terá sido meu pai, Egas Moniz, ou meu tio Ermígio, quem assim falou? O Afonso Henriques e eu, bem como os meus irmãos Afonso e Soeiro, fomos educados pelos dois, vivemos com eles em Lamego, e foram eles que nos levaram para Coimbra. Se tivessem sabido daquele cerco, não teriam certamente ido. Tratava-se apenas de uma visita estival de cortesia à mãe do meu melhor amigo.

Ou melhor, à condessa Dona Teresa.

Uma mãe tem de dar carinho, estar lá, beijar os filhos. Caso contrário, não é uma mãe, é mãe só de nome. Ora, Dona Teresa nunca estava. Via o filho uma ou duas vezes por ano, quando ia a Lamego ou a Viseu, ou ele ia a Coimbra, mas limitava-se a olhar para ele e a dizer:

– Estais mais crescido.

E era tudo. Nunca lhe dava um beijo, embora exigisse que ele lhe beijasse a mão. Não era grande coisa como mãe. Nunca foi. A verdadeira mãe do Afonso Henriques foi sempre a minha mãe, Dordia Viegas. Ela mimava-o, penteava-o, vestia-o, à noite levava-o para a cama e fazia-lhe o sinal-da-cruz na testa, como a mim, ao Afonso ou ao Soeiro. Tratava-o como nos tratava a nós três, seus filhos. Com ternura, como uma mãe deve. E ele retribuía, amava-a como nós a amávamos, sempre de roda dela, a pedir coisas, a reclamar atenção.

Uma vez, o Afonso Henriques disse-me:

– Deus é injusto. O meu pai morreu, tinha eu três anos, mal o conheci, só às suas barbas cinzentas e falantes. E Dordia, a minha única mãe, morreu naquele verão do cerco a Coimbra!

Para minha grande tristeza e de toda a família dos Moniz de Ribadouro, Dordia Viegas já arfava muito, tinha de sentar-se constantemente, e à mesa estava sempre com um ar calmo de mais, como quem tinha muitas dores mas sofria em silêncio, para não incomodar os outros. Tanto o meu amigo como eu sabíamos que, se ela subisse ao Céu, ninguém mais nos iria dizer:

– Vinde dar-me um beijo!

Isso entristecia-o muito, dizia-me o meu melhor amigo, e era por isso que fazia um esforço para imaginar combates sangrentos logo de manhã, no alto do castelo de Coimbra.

Enquanto o arqueiro suspende a sua ronda, a um canto da torre, o menino mira de novo a fastosa tenda do califa, e promete a si próprio que quando for grande o vai derrotar. Terá de aprender a usar a enorme espada de seu pai, a montar, a vestir a cota de malha e a armadura, mas será o mais hábil, corajoso e destemido cavaleiro do Condado Portucalense.

Agora sente-se forte, imaginar vitórias animou-o, mas logo se lembra do que ouviu Egas ou Ermígio dizerem, que sem Paio Soares a comandá-las as tropas de Dona Teresa pouco valem, pois Bermudo de Trava, seu marido, não nasceu para empunhar uma espada!

Ontem, escutou também as meninas árabes a intrigarem, aos risinhos, nas suas costas:

– A rainha não gosta do Bermudo, gosta é do irmão, do Fernão!

O menino já reparou que Dona Teresa também nunca beija o marido em público, eles nem se tocam, não há uma festa carinhosa, uma ternura visível. Nunca viu sequer um abraço e sempre atribuiu essa falha à maneira de ser de Dona Teresa. Dordia diz que ela é arisca, quando falam na condessa que agora se diz rainha, o que é raro, pois Dordia evita falar dela.

A esta hora, quando o Sol mal nasceu a leste, e enquanto o arqueiro se volta a aproximar dele, Dona Teresa ainda deve estar a dormir. Costuma levantar-se tarde, ao contrário do seu marido galego, que dorme noutro quarto. O menino não consegue conversar com Bermudo, pois ele raramente fala. O personagem parece mudo e tolo, só abana a cabeça, confirmando qualquer ordem da autoritária esposa. Tudo o que Bermudo diz é: